

PIXAÇÃO: ESTÉTICA DE UMA PRESENÇA

O texto aborda resultados de práticas poéticas e suas reverberações nas pesquisadoras, no que se relaciona à estética das escritas urbanas, que abarcam as diferentes manifestações da *street art*, em especial, a pixação. As reflexões, instigadas por atividades do Programa de Criação Artística Contemporânea, da área de Estudos de Arte, da Universidade de Aveiro (Portugal), estão relacionadas também à pesquisa de pós-doutoramento desenvolvida junto ao mesmo Programa. Tais interlocuções nos possibilitam aprofundar discussões acerca da estética da pixação, cuja grafia com “x” é em respeito à escolha dos pixadores.

Os espaços urbanos contemporâneos mais e mais estão se transformando em écrans privilegiados para manifestações artísticas, geralmente como suporte para imagens/mensagens que dão voz a anônimos, rompendo com silenciamentos sociais. Assim considerando, destacamos que, inspiradas nas ideias de Gaston Bachelard (1993), não estamos nos referindo ao “espaço apenas diurnamente, enquanto categoria física e matemática, espaço neutro, impessoal” (Pessanha in: Novaes, 1988, p. 156); ao contrário, buscamos resgatar:

(...) no nível do imaginário poético e filosófico, o espaço enquanto lugar: situado, singular, povoado por lembranças pessoais, sítio de experiências, colorido por emoções datadas. Esse espaço (...) é cenário da vida do corpo, morada de afetos, fonte de *poiesis* artística ou filosófica, fundamento da natureza enquanto paisagem (id., p. 156).

Assim considerando, podemos perceber a paisagem urbana como uma construção simbólica que frutifica dos modos subjetivos do olhar (Bachelard, 1993), logo, apreender o espaço, está mais para o plano simbólico do que para o real observado. E é nesse universo de interferências dos seres humanos sobre o espaço, construindo e reconstruindo a paisagem, que demarcamos a importância da *street art* e de seus artistas. Isso, pois na amplitude do que abarcam:

Os símbolos que vemos na rua e nas paredes não estão em caso algum desvinculados do tempo a que dizem respeito. Quer seja sobre as ideias políticas, quer do que se entende como estético ou dos objectivos que se perseguem no momento, esses símbolos dão-nos, com frequência, uma solução, antes de que aquilo que representam se transforme em bem comum da cultura oficial (Stahl, 2009, p. 8).

Sendo assim, é possível ponderar que a atividade criativa que tem como suporte o espaço urbano, além de um expoente da criação artística, é também importante indicador histórico. No que se refere ao contexto histórico contemporâneo, entendemos que a presença dos artistas da *street art* e de suas criações é fundamental, visto que mais do que interferirem na paisagem,

eles propõem pausas reflexivas para o olhar, assim como hiatos no corre-corre cotidiano.

O pixo, termo associado à pixação e ao *graffiti*, marca as cidades contemporâneas, como resultado de movimentos transgressores, que incomodam e polemizam com suas mensagens cifradas. Entretanto, por trás das grafias do pixo existem mensagens ideológicas, reivindicando os espaços urbanos como suporte para discussões sociais e históricas, através de uma estética própria. Isso o legitima como movimento artístico, nos permitindo refletir sobre a sua presença no cotidiano das cidades contemporâneas, não como imagens que embelezam o ambiente, mas, sim, como exemplares artísticos da criatividade humana que nos instigam à reflexão.

Potencializado como elemento de comunicação da rua, criminalizado pelos estados, independente do país, o pixo integra a identidade cultural de uma comunidade, podendo revelar aspectos culturais inerentes a ela. No Brasil, ele surge na década de 1960 como uma reação à ditadura militar, na forma de expressões de ordem contra a política vigente, sem preocupação estética com as escritas, privilegiando uma estética do “legível”, apropriada para o público alfabetizado. A partir da década de 1980, a estética da pixação, especificamente, sofreu uma mudança conceitual, sob a influência do movimento Punk e as capas de discos de bandas de rock, assumindo posturas políticas mais radicais e potencializando a voz das periferias nas grandes cidades brasileiras. Nesse contexto, a sua estética passou a privilegiar o caráter biográfico do artista pixador e seus códigos. A origem das letras/alfabetos assumidos, além das influências citadas, também referenciam a cultura dos povos germânicos antigos e a escrita rúnica. Logo, não é possível classificar a pixação como “simples rabisco”, pois a cada dia ela se destaca como uma escrita artística elaborada, preta de significados e politizada.

Na contemporaneidade, a pixação é uma prática comum em cidades mundo afora e tema para pesquisas acadêmicas. Além de absorver e transformar a escrita rúnica, justaposta aos códigos de contestação da periferia, deslocando fronteiras de tempo e espaço, cultura e alteridade, muitos artistas adotam *tags* (assinaturas) como marca, cuja estética nos leva a identificá-las como metáforas vivas (Ricoeur, 2005), ampliando a força retórica sobre o argumento, renovando e enriquecendo os mecanismos das linguagens artísticas. E esse é o caso aqui abordado, com relação à *tag* SYNOD, registrada em diferentes percursos na cidade de Aveiro, originando a montagem fotográfica SÍ.NO.DO, um mapa afetivo da cidade, inspirada nos trajetos realizados pelo pixador. Tais relações também aproximam a pixação da estética relacional, discutida por Nicolas Bourriaud (2009), abordando significativamente as inter-relações entre arte e sociedade.

Entendemos que a problematização e sistematização de conhecimentos sobre a produção e recepção das pixações fomenta uma cultura de cunho simbiótico entre a visão funcionalista e as visões estéticas e simbólicas dos elementos sociais, que constituem os espaços urbanos contemporâneos. Nesse processo, consideramos fundamental o levantamento de imagens e sua análise a partir

dos seus elementos estéticos, visto que assim poderemos melhor entender essa manifestação artística, seus produtos e repercussões sociais.

Referências:

- Bachelard, G. (1993). *A Poética do Espaço*. Martins Fontes. São Paulo.
- Bourriaud, N. (2009). *Estética Relacional*. Martins Fontes. São Paulo.
- Pessanha, J. A. M. (1988). Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: Novaes, A. et al. *O Olhar*. Cia. das Letras. São Paulo. p. 149-166.
- Ricoeur, P. (2005). *A Metáfora Viva*. 2ª edição, Edições Loyola. São Paulo.
- Stahl, J. (2009). *Street Art*. Ed. H.F. Ullmann. Alemanha.

Palavras-Chave: Pixação. Estética. Cidade. Street Art.